

BAOBÁ DA SALVAGUARDA DA FESTA DE IEMANJÁ

Autoria Coletiva sob a coordenação¹

O Plano de Salvaguarda da Festa de Iemanjá que aqui apresentamos foi elaborado no Curso de Extensão: A Festa de Iemanjá e os trabalhos de patrimônio, realizado no período de isolamento social, nos meses de julho até setembro de 2021. O Curso teve duração de 40 horas-aula, realizado em formato online, distribuídas em nove encontros que trataram dos temas relacionados à patrimonialização, tendo como referência a matriz de gestão museológica elaborada por Manuelina Maria Duarte Cândido (2013): documentação, conservação-restauração, exposição e educação para o patrimônio cultural.

O Curso de Extensão ministrado por Carolina Ruoso, Fernanda Cristina de Oliveira e Silva de Oliveira e Jean dos Anjos, foi realizado pelo CENEX/EBA/UFMG e contou com o apoio do Laboratório de Antropologia e Imagem (LAI/UFV) e da Sociomuseologia Cátedra da Unesco “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural” de Lisboa. Realizamos uma chamada pública, apresentando a proposta do curso aos interessados e como resposta recebemos mais de 150 inscrições. Selecionamos aproximadamente 80 participantes, em sua maioria Povos de Terreiro, das cidades de Fortaleza e Belo Horizonte, prioritariamente, mas contamos com presença de pessoas de diferentes Estados brasileiros.

A experiência vivenciada durante o curso, as reflexões elaboradas desdobraram no projeto de pesquisa “Critérios e valores de patrimonialização: uma questão de justiça epistêmica” aprovado pelo edital Universal do CNPq/2021, como atividade do Grupo de Pesquisa: ESTOPIM/CNPq – Núcleo de Estudos Interdisciplinares do Patrimônio Cultural.

As metodologias participativas pensadas para o curso a partir da Museologia Social, consideram fundamental a distribuição das ferramentas

¹ Carolina Ruoso. E-mail: carol@ruoso.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2252347574303645>
Fernanda Cristina de Oliveira e Silva. E-mail: fernanddaoliveira@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5650269112398250>
Jean dos Anjos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1948207778073696>

da fábrica patrimonial² para fins de construção de uma justiça epistêmica, portanto, os detentores dos saberes do patrimônio imaterial, da Festa de Iemanjá, os Povos de Terreiro que participaram do curso são os autores das referências culturais, transmitidas a partir da oralidade, durante o curso. Foi dentro dessa abordagem que elaboramos conjuntamente a proposta do Baobá da Salvaguarda.

Entendemos que para a construção de transformações efetivas por uma justiça epistêmica, esse relato de experiência é o resultado da participação dos Povos de Terreiro, das vozes que desenharam as propostas de salvaguarda para a Festa de Iemanjá inscritas no corpo da árvore Baobá. São essas vozes que constituem as referências que ao longo do tempo transmitem os saberes, a filosofia, a história da África no Brasil. Incluímos nesse texto as referências bibliográficas que fundamentaram a proposta metodológica participativa do curso.

Os detentores dos saberes da Festa de Iemanjá escolheram trabalhar com uma perspectiva da Retórica da Luta³, compreendendo que a patrimonialização da Festa de Iemanjá respectivamente nos municípios de Fortaleza-CE e Belo Horizonte-CE, significa fortalecer a luta dos Povos de Terreiro. Adotaram como modelo estruturante para a elaboração do Plano de Salvaguarda o Baobá, tendo como referência a Pretagogia de Sandra Petit (2015). Partindo deste princípio articulamos o dispositivo didático do Baobá dos saberes e dos marcadores de africanidade à matriz de gestão museológica.

Com a articulação dessas abordagens desenvolvemos o seguinte percurso: na raiz do Baobá seriam inscritos os trabalhos de documentação, no caule as ações da conservação-restauração, nos galhos as atividades de exposição e nas folhas, nas flores e nos frutos as práticas educativas. Para cada parte do Baobá fazíamos perguntas específicas relacionadas às ações de patrimonialização; as respostas apresentadas e desenhadas pelos participantes do curso foram transcritas por estudantes de Museologia (UFMG) e Conservação-Restauração (UFMG) que atuaram durante uma

2 De acordo com a socióloga Nathalie Heinich (2009) podemos compreender a fábrica do patrimônio cultural como resultado de uma ação coletiva que organiza o patrimônio cultural, por meio da operação das engrenagens que movimentam a cadeia patrimonial, a patrimonialização, para tanto, faz-se necessário dominar um conjunto de saberes, termos especializados, documentos técnicos e ações políticas.

3 Apresentamos para os participantes do curso a perspectiva sobre os argumentos que movimentavam a patrimonialização no Brasil, a partir da noção de Retórica da perda, analisada pelo antropólogo José Reginaldo Gonçalves (1996). Em contraponto, mostramos que é possível pensar a patrimonialização a partir da Retórica da Luta, tendo como referência a análise de Adelaide Gonçalves (2018) que afirma que a força da Luta do MST está nos trabalhos subversivos da memória, entendemos, portanto, que as ações de patrimonialização, são os trabalhos da memória que fortalecem a luta e a vida dos Povos de Terreiro e outros povos.

disciplina optativa que foi ministrada concomitantemente ao curso de extensão. Do trabalho técnico de transcrição, organizamos um dossiê com uma importante documentação sobre o processo de elaboração do Plano de Salvaguarda⁴. Trabalho de parceria importante dos membros cooperadores dos mundos da arte que atuam na salvaguarda de bens culturais e que resultou na montagem final do texto do Plano de Salvaguarda da Festa de Iemanjá.

Todos os participantes recebiam com antecedência as orientações, com as perguntas específicas sobre as ações de cada parte do Baobá, assim, deveriam fazer uma tarefa de casa, desenhar a parte do Baobá e apresentar as ações de patrimonialização referentes aquela etapa. Durante a aula do curso, cada participante apresentava seu desenho e, as suas propostas ao grupo que atuava de maneira muito dialogada. Ao final, todos os itens eram lidos pelos ministrantes e aprovados por todos. Depois da aula os estudantes assistiam os vídeos, realizavam a transcrição e organizavam as pastas das imagens.

No último dia reunimos todos e lemos toda proposta do Plano de Salvaguarda. Algumas novas sugestões foram apresentadas. Retrabalhamos a escrita do texto e aprovamos o Plano de Salvaguarda como o Baobá da Salvaguarda da Festa de Iemanjá.

Compreendemos que a publicação do Plano de Salvaguarda apresentado na íntegra neste relato é necessário como contribuição para provocar novos olhares sobre os efeitos da patrimonialização de bens imateriais, especialmente aqueles ligados às tradições orais e religiosas afro-ameríndias, além de sua importância na articulação de políticas públicas de patrimônio junto aos Conselhos Municipais de Patrimônio Cultural das cidades de Fortaleza (Ceará) e Belo Horizonte (Minas Gerais) onde a Festa de Iemanjá recebeu o reconhecimento e o registro de Patrimônio Imaterial. Esperamos que este documento possa inspirar outras possibilidades de trabalhar com registros e salvaguarda de Patrimônios Imateriais e Festas de Iemanjá pelo Brasil.

⁴ A referida documentação poderá ser consultada se for solicitada uma autorização aos Comitês de Gestão da Salvaguarda da Festa de Iemanjá.

Proposta para a gestão das Ações de Salvaguarda

Criar um Comitê Gestor diversificado com participantes do poder público e da sociedade civil (representantes dos Povos de Terreiro) do Plano de Salvaguarda da Festa de Iemanjá para garantir os cuidados éticos e afetivos considerando a perspectiva dos Povos de Terreiro.

Ofertar continuamente cursos de Patrimonialização e/ou Musealização para os Povos de Terreiro.

Figura 1 - Desenho de Pedro Chaves

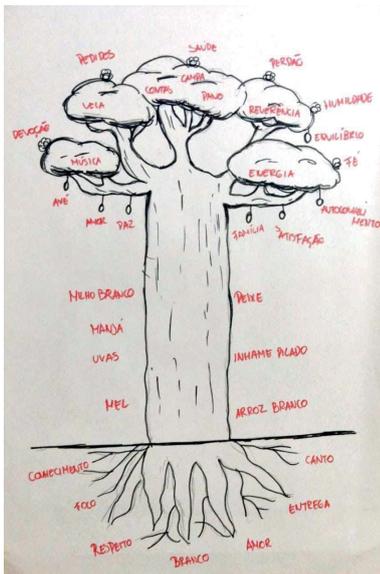


Figura 2 - Desenho de Patrícia Adjoké

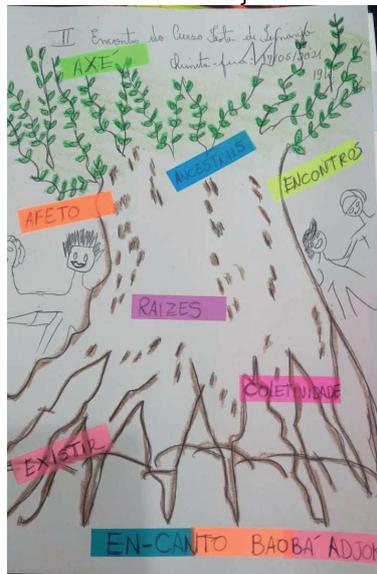


Figura 3 - Desenho de Rosália Diogo



Apresentação do Plano de Salvaguarda

Figura 4 - Desenho de Rafael La Cruz

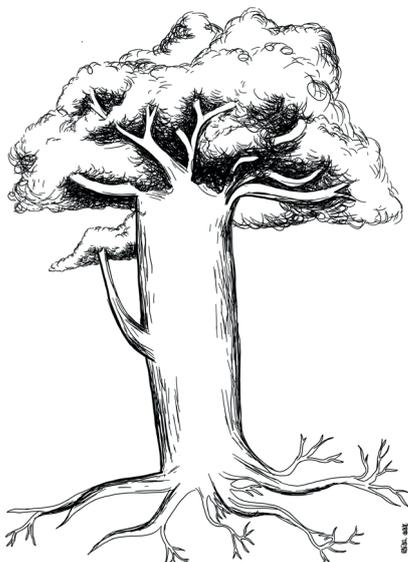


Figura 5 - Desenho de Rodrigo Carneiro



O Plano de Salvaguarda será representado pelo Baobá, árvore que possui diferentes nomes e significados nos diversos terreiros pelo Brasil, em comum acordo é entendida como a árvore da vida, a árvore do mundo, pois ela é uma figura de origem, é um signo do fundamento, do princípio de todas as coisas, elemento de conexão entre a multiplicidade dos mundos, assim como lemanjá que é símbolo de mãe, que dá a vida, origem e moradia a todos os orixás. O Baobá está também relacionado à fertilidade, cura e abundância, tornando-se mais potente usar a sua imagem do que mostrar uma matriz de gestão. A árvore significa processo de luta e resistência, é um suporte da vida, pois tem a capacidade de armazenar em seu interior mais de 120.000 litros de água. Na África, continente considerado a mãe de todos os outros, a árvore do Baobá é reverenciada, remete a ancestralidade.

A Festa de lemanjá é um encontro de mundos, pais, mães e filhos de santo de variados terreiros, comunidade de pescadores, reunidos para celebrar e confraternizar com esta manifestação religiosa. A festa pode ser entendida com a metáfora das ondas: Cada terreiro é uma onda, com suas peculiaridades e crenças, mas a Festa de lemanjá é o oceano onde todas estas ondas se encontram.

Os valores Culturais da Festa de lemanjá

Os valores culturais da Festa de lemanjá apresentados foram: ancestralidade, axé, pertencimento, branco, território público sagrado, flores, encanto, caminho, resistência e tradição.

Raízes do Baobá: os trabalhos da documentação

1. Reconhecer os Terreiros como Pontos de Memória e responsáveis pelas ações da salvaguarda da Festa da lemanjá: documentação de seus ritos, saberes e bens culturais.
2. Identificar os umbandistas e candomblecistas fundadores, os antigos, os mais velhos, detentores dos saberes da Festa de lemanjá
3. Registrar os saberes que compõe as Festa de lemanjá: as indumentárias, comidas, danças, ritos, entre outras práticas e saberes
4. Identificar as representações artísticas relacionadas às entidades sagradas que compõe a Festa de lemanjá.

5. Desenvolver cartografias do protagonismo das mulheres na Festa de lemanjá
6. Realizar cartografias próprias sobre os sentimentos de pertencimento presente na Festa de lemanjá por meio das suas representações culturais e seus territórios da cultura.
7. Inventariar e catalogar diferentes suportes de memória da Festa de lemanjá
8. Que as ações de documentação sejam contempladas nos editais de fomento à cultura
9. Identificar os atores da Festa de lemanjá que são artistas e/ou trabalhadores da cultura

Tronco do Baobá: os trabalhos da conservação-restauração

1. Semear saberes: Garantir a transmissão e a difusão ampla, por meio de momentos de trocas entre jovens, rodas de conversas etc. Gravar programas, podcasts. (Rodas de memória)
2. Ação de manutenção permanente da Festa de lemanjá para garantia de sua continuidade. Apoio público, estrutural e logístico para a festa de lemanjá.
3. Garantir proteção e segurança dos Terreiros e dos Territórios Públicos Sagrados. Lugares de memória onde acontece a Festa de lemanjá.
4. Guardar com carinho e sabedoria os objetos necessários para a realização da Festa.
5. Cuidar das boas relações para as parcerias necessárias para a realização da Festa _ (Solicitar o trabalho de articulação institucional das Secretarias da Cultura junto às demais Secretarias: meio ambiente, educação, segurança etc.). Por exemplo, para impedir a criminalização dos detentores da Festa.
6. Semear, tratar e cuidar dos jardins das plantas sagradas.
7. Reconhecer as mais velhas (mais velhos) como mestras da cultura e/ou patrimônio vivo. Lei Tesouros Vivos.
8. Protegendo espacialidades do entorno, garantindo a existência dos Sítios culturais de apropriação coletiva. Jardim das folhas sagradas, Casas de Umbanda, lojas de artigos religiosos como parte integrante das espacialidades de entorno que compõe o conjunto de bens materiais da Festa de lemanjá.

9. Cuidar, proteger e promover o feminino como uma essência da Festa de lemanjá. A força feminina dentro do Terreiro.

Os galhos do Baobá: os trabalhos de exposição

Expor:

1. Objetos simbólicos ligados às diversas entidades com seus significados, por meio de fotos; etc.
2. Relatos e registros já existentes, fotos das antigas festas e outros documentos
3. Danças, roupas e cantos, indo para além do sentido de espetáculo;
4. Produções iconográficas: os bens culturais, as imagens da Festa de lemanjá, geram a busca por conhecimento, sendo uma forma de informar sobre o modo de vida e a diversidade cultural dos Povos Tradicionais, sobre os significados;
5. A beleza da celebração e a sua importância para os Povos Tradicionais, realizando exposição permanente e exposições durante a Festa;
6. As fotos na praia, nos locais da festa, através da projeção de um vídeo que as reproduza, evitando os riscos de sua destruição;
7. Através da música, e artes plásticas que representam situações ritualísticas, além de pesquisa, filmes, mostras de conteúdo e apresentações ao público de modo geral;
8. Tudo com embasamento de muito cuidado, muito respeito.

Mostrar:

1. Fotos e ilustrações de lemanjá e sua história, no dia da Festa e em espaços de exposições;
2. Mostrar a riqueza da cultura material e a sua diversidade simbólica cultural das suas imaterialidades
3. Livros e notícias de jornais, cartazes, memória documental da Festa de lemanjá;
4. A dança, a música, que está em todos os lugares e que muitas vezes não sabemos que se trata de um Ponto;
5. A diversidade cultural, as questões que são intercruzadas na história da formação da festa, da cultura brasileira;
6. Pequenas performances teatrais à margem da Festa, em áreas

públicas, no transporte público, buscando a simpatia e à adesão das pessoas.

Traduzir:

1. Os significados que acontecem individual e coletivamente em uma mensagem ou discurso de modo a valorizar a festa, os saberes, a prática para que continue assim;
2. Os processos e intenções da Festa: porque acontece, qual a intenção de acontecer naquele momento, naquele local, com aquelas pessoas;
3. A importância da festa para a cultura afrobrasileira, enquanto tradição, desconstruindo sua associação ao mau, o que gera intolerância; por meio de pesquisas e programas de educação nas escolas.

Narrar:

1. Os saberes;
2. A trajetória da Festa: como começou, que caminhos teve até então.
3. Sobre os personagens da celebração (Encantados, Entidades, Ancestrais, Divindades, entre outros) por meio da música e outras expressões culturais.
4. Relatos das cosmovisões correlacionadas com as tradições africanas e afrobrasileiras
5. A história de entidades e da Festa, através de rodas de contação de histórias, para adultos e crianças,
6. Importantes narrativas de lutas e da resistência de saberes, através da valorização das vozes mais antigas (guardiões da memória), fazendo com que elas sejam ouvidas.
7. Promovendo a contação de narrativas e o seu registro em gravações, minidocumentários, narrativas em plataformas digitais, documentários, trabalhos acadêmicos, pesquisas antropológicas e geográficas.

Relatar:

1. Apresentar a dimensão sociocultural: os detentores da Festa relatando suas experiências, intenções, fatos e situações da Festa.

Exibir:

1. Fotos antigas e atuais dos eventos, que também relatem o vivido hoje
2. A Festa como um todo, sua alegria e os muitos sentimentos que surgem, sentimentos de força, de luta, de contentamento, de paz;
3. A dimensão da Festa, em todos os seus aspectos (não só cultural e religioso, mas também de impacto social, econômico, urbanístico) para que as pessoas possam entender o que de fato significa a Festa de Iemanjá;
4. Exibir de forma responsável, ética e afetiva os conteúdos ritualísticos e intelectuais presentes nestas manifestações culturais;
5. Reconhecer o olhar dos Mestres e Mestras das Tradições, incentivando sua realização e divulgação.

Contar:

1. Memórias de Mestras e Mestres das Tradições da Cultura
2. Histórias, a história da Festa, a história de Iemanjá.
3. As histórias das famílias africanas recriadas na diáspora Africana: das Mães das Tradições de culto à ancestralidade e da maternidade na divindade Iemanjá.

Conversar:

1. Com a comunidade do entorno a fim de buscar o entendimento e a proximidade, tentar o diálogo com pessoas que não tem conhecimento sobre o que a Festa representa;
2. Com instituições educacionais;
3. Com autoridades para buscar apoio tanto para a produção, quanto para a realização e segurança da Festa;
4. Com órgãos culturais, buscando apoio para elaboração de plano de ensino da Festa de Iemanjá como Patrimônio Imaterial

Circular:

1. Saberes, utilizando a pedagogia dentro e fora dos terreiros como principal instrumento para combater os efeitos do racismo e da intolerância religiosa, simbólica e física;
2. As Culturas dos Povos Tradicionais reconhecidas pelo Estado e pelas Instituições Culturais valorizando a complexidade cultural da Festa de Iemanjá.

3. Conhecimento por meio da formação de grupos de comunicação e de redes que deve ser sempre alimentado e divulgado.

Manifestar:

1. A diversidade cultural das tradições que cultivam a Festa de Iemanjá.
2. As culturas tradicionais em liberdade, buscando com o poder público apoio para que não haja interferências, agressões e violência contra a manifestação de fé durante a hora da Festa;
3. A alegria, o contentamento da celebração que apresenta também as danças populares.

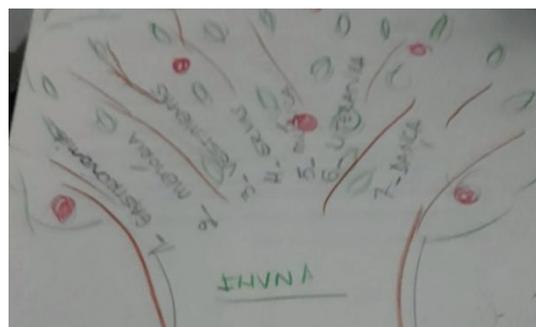
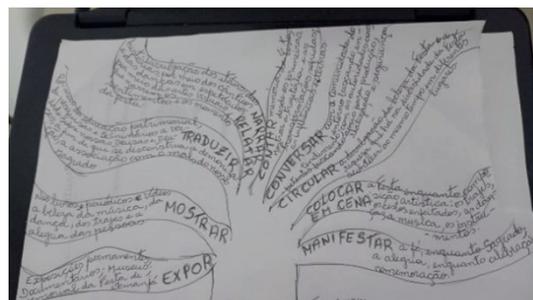
Para a salvaguarda da Festa de Iemanjá é necessário que as atividades relatadas sejam contínuas, realizadas não somente no período de festas.

As folhas, flores e frutos do Baobá: os trabalhos da educação para o patrimônio

1. Práticas de leituras e interpretação de textos de poder cultural dos rituais
2. Práticas de ensino de danças, músicas ... partilhadas em grupos, a potência e o significado das rodas
3. Cultivo de plantas de cura e de alimentos de reza e louvor
4. Ações de aprendizagem para fazer vestimentas e objetos dos rituais
5. Reunir os grupos para além do meu grupo - construir diálogos, relações de empatia.
6. Ampliar para além de mim e organizar encontros de saberes
7. Terreiro é uma micro-África no Brasil
8. A Festa de Iemanjá como patrimônio imaterial presente nas formações dos professores
9. A Festa de Iemanjá como patrimônio imaterial nas escolas, nas praças, em todo lugar.
10. Apoiar a produção de livros de literatura infantil para formação das crianças
11. Apoiar a produção de artes nas suas diferentes linguagens que abordem o tema da Festa de Iemanjá reconhecida como Patrimônio Imaterial

12. A preservação dos rituais é água que vai regar a nossa árvore que é o Baobá da Salvaguarda
13. Os contos, cantos, toque, dança, movimentos são os nossos princípios que precisam ser preservados nas práticas educativas
14. Que os lugares que são considerados sagrados pelos Povos de Terreiro possam compor as narrativas históricas na transmissão de conhecimento a respeito da presença das culturas negras na cidade.
15. Que os saberes da Festa de Iemanjá como Patrimônio Imaterial, através das suas Mestras e Mestres da Cultura, sejam pesquisados, estudados na produção criativa da economia da cultura
16. A importância dos Dramas e das Dramistas (expressão da Cultura Popular Cearense) nas ações educativas.
17. A Formosura, um anuário de folhinhas e fazer a Salvaguarda da Mãe Iemanjá em cada cidade do Brasil com suas singularidades, juntar todos os desejos.
18. Ações Políticas Educativas articulando Terreiros, Secretarias de Cultura e Educação
19. Fortalecer projetos interdisciplinares e / ou multilinguagens para serem desenvolvidos dentro e fora da escola
20. Formação dos Profissionais da Educação, da Cultura, Meio Ambiente, Segurança e Turismo sobre a importância da Festa de Iemanjá como Patrimônio Imaterial
21. Realizar a formação com a presença dos Mestres e Mestras da Cultura que detém os saberes sobre a Festa de Iemanjá
22. Considerar os Valores Culturais da Festa de Iemanjá e a Filosofia dos Povos de Terreiro nas ações educativas elaboradas para construir a valorização da Festa de Iemanjá como Patrimônio Imaterial.
23. Pensar ações educativas que fortaleçam a economia criativa fundamentada nos saberes dos Povos de Terreiro e que valorizem a Festa de Iemanjá como Patrimônio Imaterial
24. Realizar ações educativas que podem valorizar como linguagens que são parte dos saberes e fazeres da Festa de Iemanjá: gastronomia, memória, vestimentas, ervas, músicas, literatura, dança.
25. Ações educativas que valorizem a diversidade de faixa etária, pois a relação dos mais velhos e mais novos compõe as relações na Família de Axé e compõe os saberes / fazeres da Festa de Iemanjá

Amadeu Correia Batista Neto
 Amaralina Cardoso Cruz
 Rosana Marques Lima
 Ana Dindara Rocha Novaes
 Ana Beatriz Marques Silva
 Alessandra Massullo
 Marina Barros Ferreira Sobrinha
 Guilherme Antônio de Siqueira
 Janainna Edwiges de Oliveira Pereira
 Ihvna Saboya Chacon
 Karla Esther Rosa dos Santos
 Juliana Cristina R. S. Holanda
 Berenice Xavier
 Rosália Estelita Diogo
 Pedro Chaves
 Ricardo de Moura
 Guaraci Maximiano



Estudantes de Museologia e Conservação Restauração da UFMG, realização de trabalhos técnicos

Aline Melo da Silva
 Daniela Tameirão
 Luana Mendes
 Rafael La Cruz
 Laís Fernandes
 Kézia Amaral
 Nathalia Rocha
 Claudia Valeria Amorim Silveira
 Natália Bicalho Salles Barbosa
 Karla Esther Rosa dos Santos
 Marco Antônio da Rocha Ferreira
 Núbia Gonçalves
 Elison Vitor da Silva
 Geanini Vargas Escobar

Festa de Iemanjá e os trabalhos do patrimônio Como elaborar o plano de salvaguarda?

Curso de Extensão de 40h/a
 Modalidade Online - quinta- feira (19h - 21h)
 Ministrado por Carolina Ruoso, Fernanda de Oliveira e Jean dos Anjos.
 40 Vagas: Povos de Terreiro, estudantes da UFMG e demais interessados.

Fotografias - Bruno Vasconcelos e Jean dos Anjos

Programação - Junho - Setembro de 2021

- 1º Encontro: 03 de junho**
Valores culturais da Festa de Iemanjá
- 2º Encontro: 17 de junho**
O que acontece depois do registro da Festa como Patrimônio Imaterial?
- 3º Encontro: 01 de julho**
A fábrica do patrimônio cultural e suas engrenagens
- 4º Encontro: 15 de julho**
Os trabalhos do patrimônio: a documentação
- 5º Encontro: 29 de julho**
Os trabalhos do patrimônio: a conservação
- 6º Encontro: 12 de agosto**
Os trabalhos do patrimônio: a educação
- 7º Encontro: 26 de agosto**
Os trabalhos do patrimônio: a exposição
- 8º Encontro: 09 de setembro**
Os trabalhos do patrimônio: as ações de salvaguarda

Inscrições de 15 a 25 de maio de 2021
 Link do Formulário de Inscrição:
<https://forms.gle/rQkgazZmeNzkEqbA>

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Janaina Couvo Teixeira Maia de. **Os Orixás, o imaginário e a comida no Candomblé**. ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 6, Volume 11. janeiro/junho, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. **Protocolo de Brasília**: laudos antropológicos: condições para o exercício de um trabalho científico. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2015.

BARROS, Sullivan Charles. **As entidades 'brasileiras' da Umbanda e as faces inconfessadas do Brasil**. In: Simpósio Nacional de História, XXVII, 2013, Natal – RN. Anais. Natal-RN, 2013, p. 1-16.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. Tradução de Capellato e Krahenbuhl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

_____. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz; revisão técnica Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOTELHO, Tarcísio, LOTT, Wanessa Pires. **O patrimônio cultural na cidade de Belo Horizonte**: o caso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá e do Terreiro de Candomblé Ilê Wopo Olojukan. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPOCS, 18, 2004, Caxambu. Anais. Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2004

BRAYNER, V. (2022). O museólogo como trabalhador social na construção de futuros inéditos. **Cadernos De Sociomuseologia**, 63(19), 31-37. Disponível em <<https://doi.org/10.36572/csm.2022.vol.63.03>>

CABRERA, Lydia. **Iemanjá & Oxum**: iniciações, Ialorixás e Olorixás. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. Ed. USP, 2004.

CANTUÁRIO, Maria Zelma de Araújo Madeira. **A maternidade simbólica na religião Afro-Brasileira: aspectos socioculturais da mãe-de-**

santo na umbanda em Fortaleza. 2009. 251 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/2251>> Acesso em: 03 Set. 2020.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-brasileiros.** Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1977

CHAGAS, Mario & GOUVEIA, Inês. **Museologia Social:** reflexões e práticas (À guisa de apresentações). In: *Museologia Social*. Chapecó: Cadernos do CEOM: Ano 27, nº 41, 2015.

CUNHA, Juliana D. M. (2018). **Participação social na política de patrimônio imaterial do Iphan: análise de diretrizes, limites e possibilidades.** *Revista CPC, 13(25)*, 60–85. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i25p60-85>>

DUARTE CANDIDO, Manuelina Maria. **Gestão de Museus, um Desafio Contemporâneo:** Diagnóstico Museológico e Planejamento. 1.ª ed. Porto Alegre: Mediatriz. 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado.** Tradução de Paula Siqueira. Cadernos de campo n. 13: 155–161, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>>. Acesso em: 12 set. de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Luiz Henrique A.; AGUIAR, Tito F. R. ; LAGES RODRIGUES, RITA ; RUOSO, Carolina ; TAVARES, Denis ; VEIGA, João Marcos ; COSTA, Débora V. ; MOURA, Maria Tereza Dantas . **A autenticidade como conceito chave uma reflexão a partir da inscrição do conjunto moderno da pampulha na lista do patrimônio mundial da UNESCO.** Fórum patrimônio: ambiente Construído e patrimônio sustentável, v. 11, p. 1–19, 2021.

GONÇALVES, Adelaide ; FERREIRA, J. ; DELGADO, L. A. N. . **“A gente cultiva a terra e ela cultiva a gente”**. Uma História do MST. In: Jorge Ferreira; Lucília de Almeida Neves Delgado. (Org.). O Brasil Republicano . O tempo da Nova República (1985–2016). 1ed.Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, v. 5, p. 255–298

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**. Os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.

HEINICH, Nathalie. **La fabrique du patrimoine**. De la cathédrale à la petite cuillère. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 2009.

INGOLD, Tim. **Antropologia**: para que serve? Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

KOFES, Suely. **Experiências sociais, interpretações individuais**: histórias de vida, suas possibilidades e limites. Cadernos Pagu, n. 3, p. 117 – 141, 1994. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/119808/1/pppec_1725-1883-1-SM.pdf> Acesso em: 13 Set. 2020.

LINCONLY, Jesus. **A minha sala de aula é uma grande encruzilhada de possibilidades**: In: Revista Batuko, Arte, Cultura, Educação e Igualdade Racial. V 04. UNILAB, Redenção, 2020.

LOTT, Wanessa Pires. **Tem festa de negro na república branca**: o reinado em Belo Horizonte na Primeira República. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MOREIRA, Guilherme Eungênio. **Patrimônios como acontecem**: fabricações da participação nas políticas de patrimônio imaterial em Minas Gerais. Anais do 43º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2019. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/43-encontro-anual-da-anpocs/spg-6/spg13-6/11938-patrimonios-como-acontecem-fabricacoes-da-participacao-nas-politicas-de-patrimonio-imaterial-em-minas-gerais>>. Acesso em: 10 maio de 2021.

MOUTINHO, M. C. (1). **SOBRE O CONCEITO DE MUSEOLOGIA SOCIAL**. *Cadernos De Sociomuseologia*, 1(1). Disponível em < <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/46>>.

MOURA, Maria Tereza Dantas; RODRIGUES, Rita L. **O portal da memória na paisagem cultural moderna da pampulha** In: 5º Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, 2019, Belo Horizonte. Anais 5º Colóquio Ibero-Americano: paisagem cultural, patrimônio e projeto. Belo Horizonte: Even3, 2019.

MOURA, Maria Tereza Dantas; RODRIGUES, Rita L. **Portal da memória poética construtiva afro-brasileira** In: Seminário Internacional Arte Concreta e Vertentes Construtivas: Teoria, Crítica e História da Arte Técnica, 2018, Belo Horizonte. Arte concreta e vertentes construtivas: teoria, crítica e história da arte técnica (Jornada ABCA). Belo Horizonte: Editora ABCA, 2018. p.268-283

PELEGRINI, Sandra C. A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

PEREIRA, Linconly Jesus Alencar. **A umbanda em Fortaleza**: análise dos significados presentes nos pontos cantados e riscados nos rituais religiosos. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2012. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3316>> Acesso em: 13 Set. 2020.

PETIT, Sandra Haydée, **Pretagogia**: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei Nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015

PRIMO, J., & SOTO, M. (2022). **Pelos Caminhos da Museologia e da Educação**: sociomuseologia, cidadania e diversidade cultural. *Cadernos De Sociomuseologia*, 63(19), 09-20. Disponível em: <<https://doi.org/10.36572/csm.2022.vol.63.01>>

POULOT, Dominique. **Le patrimoine et les aventures de la modernité**. In: Poulot, Dominique (Éd.). Patrimoine et Modernité. Collection Chemins de la Memoire, Ed. L'Harmattan, 2005. (pp. 7 – 67).

POULOT, Dominique, **Musée nation patrimoine** (1789-1815), Paris, Gallimard, 1997.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. Seminário dos Alunos PPGAS- MN/UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

RUOSO, C. ; SILVA, F. C. O. E. ; ANJOS, J. S. . **Festa de Iemanjá como patrimônio imaterial**: experiências do autorregistro em Fortaleza e Belo Horizonte. In: Fernando Magalhães; Luciana Ferreira da Costa; Francisca Hernández Hernández; Alan Curcino. (Org.). Museologia e Patrimônio. 1ed. Leiria: Edições ESECS, 2021, v. 5, p. 275-309

PORDEUS Jr., Ismael. **Umbanda**: Ceará em transe. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

___ **Festa de Iemanjá**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.